A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO "RAINHAS NEGRAS DO CLUBE 24 DE AGOSTO" NA CIDADE DE JAGUARÃO

Caroline Souza [1]

Giane Vargas Escobar [2]

Resumo:

O presente documentário busca levar a representatividade e identidade negra para dentro do audiovisual, partindo da elaboração e produção de um documentário na cidade de Jaguarão-RS, o documentaria contara com a história de 12 mulheres negras que foram rainhas de um certame de beleza no clube social negro 24 de agosto. O audiovisual é um espaço de poder e visibilidade que é ocupado por homens e mulheres brancas, onde os mesmos ao aparecer em filmes, novelas e documentários estão sempre em grandes cargos, ótimas condições financeiras, em trabalhos que são reconhecidos e valorizados na sociedade, enquanto a mulher negra é sempre colocada em papeis de empregada doméstica que trabalha na casa do homem branco rico, isso quando não objetificam o seu corpo trazendo uma marca histórica de opressão e sexualização para a mulher negra. Sendo assim esse projeto se faz importante porque através dele iremos mostrar novas perspectiva do que é ser uma mulher negra, e traves disso levar a representatividade e identidade para outras mulheres negras.

Palavras-chave: rainhas; negras; clube; documentario; representatividade

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO "RAINHAS NEGRAS DO CLUBE 24 DE AGOSTO" NA CIDADE DE JAGUARÃO

[1] Aluno de graduação. cs303823@gmail.com. Autor principal

[2] Docente. gianeatinuke@gmail.com. Orientador

A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO "RAINHAS NEGRAS DO CLUBE 24 DE AGOSTO" NA CIDADE DE JAGUARÃO

1 INTRODUÇÃO

A elaboração deste Projeto é resultado de pesquisas anteriores, que culminaram com a elaboração de um artigo que fez parte do livro intitulado *"Clube 24 de Agosto: 100 anos do Clube 24 de Agosto: 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguai"*, lançado em 2018. É importante salientar que se trata de um Projeto que tem como foco central os certames de beleza, a representatividade, a construção das identidades e narrativas sobre as Rainhas Negras do Clube 24 de Agosto.

O audiovisual é um espaço de poder e de visibilidade em que é possível pensar em representações positivas, nesse sentido torna-se importante essa produção como ferramenta que é negada à comunidade negra, o protagonismo. A visão que pretendemos evidenciar nesta produção e nas narrativas do documentário é mostrar as diferentes formas de ser mulher negra na sociedade Jaguarense, bem como o significado de ser Rainha do Clube 24 de Agosto.

Esse projeto surge a partir do questionamento "se nós negros e negras somos maioria no Brasil porque apenas a branquitude é representada majoritariamente no audiovisual?". Conforme a pesquisa Diversidade de Gênero e Raça lançada em 2016, divulgada pela Agência Nacional do Cinema (Ancine), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 54% dos brasileiros se declararam pardos ou negros, sendo que 45,1% que se declararam brancos. Porém ao procuramos as diversas formas de representação no cinema, novela e documentário ainda nos deparamos com a hipersexualização, objetificação, estereotipização e racismo nas imagens de negros e negras.

Os estudos realizados pela Ancine (2016) permitem perceber que as mulheres representam 48,5% da sociedade. Na estimativa de 1326 pessoas entrevistadas da área do cinema, percebe-se que o audiovisual brasileiro de 2016, as mulheres representaram 40% do elenco, já os negros, apenas 13,3%. Esses dados expõem a falta de representatividade, apesar dos negros/as serem maioria da população brasileira, ainda está presente no audiovisual o racismo estrutural que impede os negros estarem ocupando esses espaços.

Nesse sentido, a perspectiva teórica adotada na elaboração deste Projeto de produção de documentário sobre as Rainhas Negras do Clube 24 de agosto, parte do pressuposto que no campo do audiovisual e da produção simbólica, as mulheres negras não estão representadas.

Nesse sentido, concordamos com o pensamento de Ceiça Ferreira que discute as *"Formas de visibilidade e (re)existência no cinema de mulheres negras"*, ao afirmar que

> Historicamente, as mulheres negras brasileiras têm vivenciado a intersecção do racismo, do sexismo e da desigualdade social nas práticas cotidianas, na produção de conhecimento e, principalmente, nas representações dos meios de comunicação. No cinema e na televisão, constata-se a permanência de um tratamento estético, que se estrutura em dois eixos principais: o estereótipo, com a imposição de imagens e lugares sociais de subalternidade e hipersexualização, e a ausência, com ínfima participação de atrizes e profissionais negras em relação à maioria branca. (FERREIRA, 2018, p. 175).

Este pensamento vai ao encontro do que a filósofa Djamila Ribeiro nos explica sobre as práticas discursivas utilizadas pela branquitude para deslegitimar as lutas dos movimentos negros, por se pensarem universais.

> Essa insistência em não se perceberem como marcados, em discutir como as identidades foram forjados no seio de sociedades coloniais, faz com que pessoas brancas por exemplo, ainda insistam no argumento de que somente elas pensam na

> coletividade; que pessoas negras, ao reivindicarem suas existências e modo de fazer político e intelectuais sejam vistas como separatistas ou pensando somente nelas mesmas. Ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falarem pelos outros, quando, a verdade, estão falando de si ao se julgarem universais. (RIBEIRO, 2017, p.31).

Nesse sentido, percebe-se que é através do discurso e no interior da formação discursiva que se reproduzem signos consensuais, em que se reflete o ideário branco hegemônico. E o que esse Projeto traz é justamente o que está na contramão do sistema, ao pensar na produção do documentário "Rainhas Negras do Clube 24 de Agosto".

2 METODOLOGIA

O desenvolvidos e a produção do documentário "Rainhas Negras do Clube 24 de Agosto" se ampara teoricamente no conceito de afrocentricidade, conforme Amma Mazama (2009, p.111) *"A afrocentricidade surgiu em resposta a supremacia branca a qual tem assumido diversas formas que certamente não são exclusivas entre si".* Nesse sentido se faz necessário estabelecer critérios nas escolhas, ao buscar uma autodefinição positiva de si mesmo e que tenha como base a cultura africana e afro brasileira.

Trazer essa perspectiva para o projeto potencializa e ajuda a complexificar as formas de ser e estar mulher negra na sociedade, rompendo com a perspectiva eurocêntrica que impõe normas e valores que não representam as mulheres negras. Segundo Davis (2017, p.167) *"Durante o período da escravidão, as pessoas negras foram vítimas de uma estratégia deliberada de genocídio cultural, que proibiu praticamente todos os costumes africanos [...]"* Sendo assim, se faz necessário que as pessoas negras ocupem lugares de visibilidade, evidenciando a resistência e a luta para sobreviver nessa sociedade racista.

A utilização do afrocentrismo vai para além de uma escolha teórica, assim como política, conforme nos ensina Angela Davis

> Se profissionais da cultura utilizarem seus talentos em uma escala sempre crescente para realizar a tarefa de despertar a sensibilizar as pessoas para a necessidade de uma contestação de massa à ultradireita, as chances de fortalecer e de unir ainda mais o movimento antimonopolista - articulando classe trabalhadora, grupos afro americanos, mulheres e pacifistas - crescerão imensamente (DAVIS, 2017, p.180).

A arte no interior da produção cultural vem como uma ferramenta para potencializar e historicizar através da memória, contribuindo para o tensionamento a uma tomada de consciência social, conforme analisa Angela Davis (2017,p.166*)"[...] A arte pode funcionar como sensibilizadora e catalisadora, impelindo as pessoas a se envolverem em movimentos organizados que buscam provocar mudanças socias radicais. A arte é especial por sua capacidade de influenciar tanto sentimento como conhecimento"*.

Nesse sentido, a manifestação artística escolhida para ser desenvolvida no projeto insere-se na área do audiovisual, o gênero documentário que predominou na produção cinematográfica até 1903, conforme Wainer (2010, p.13) *"[...] começaram a perceber as possibilidades de manipulação de imagens (montagem), liberando certas restrições de espaço, tempo e proximidade da ação, para abrir caminho a histórias mais complexas, que poderiam ser mais adequadamente representadas na tela".* O gênero documentário aborda temas biográficos, históricos e sociais.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A partir das leituras sobre o pensamento de mulheres negras já realizadas, bem como os debates em equipe executora do projeto participa, foi possível destacar algumas problemáticas na elaboração e produção do documentário. Elencamos quatro pontos basilares que consideramos fundamentais e que darão direcionamento ao projeto:

Falta de cineasta negra na direção de documentário

O Projeto procura promover o reconhecimento positivo e a valorização da população negra, sobretudo das mulheres negras, tendo como referencial o conceito de *afrocentricidade*, valorizando a potencialidade da participação e da capacidade criativa de mulheres negras, contribuindo para a redução dos processos discriminatórios ainda existentes em nossa sociedade.

A partir dos dados divulgados pela Ancine (2016), os resultados apresentados correspondem à realidade nas telenovelas, das publicidades e propagandas, apontando poucas novidades. Nota-se que os homens brancos correspondem a maior parcela dentro do espaço no audiovisual. Conforme os dados da Ancine, os homens brancos representam 74,4% na direção, assim como 75,4% dos produtores e no elenco 59,9%, esses dados corroboram com a invisibilidade das mulheres negras, que não aparecem nem como diretoras, nem como roteiristas. É nessa lacuna estrutural racista no campo do audiovisual que o projeto vai buscar seus aportes teóricos e metodológicos, material e operacional.

Representatividade e Identidade

A fim de promover pluralidade dentro do campo do audiovisual, demarcando a importância da representatividade na atuação de negras e negros nos diversos setores da área, o projeto vai contribuir para o acesso aos bens culturais, principalmente das ferramentas de produção audiovisual, compreendendo aqui a ocupação de todos os lugares dentro da cadeia produtiva, ou seja, desde sua concepção, produção, distribuição e exibição, pois a partir dos dados citados acima sobre a ausência das mulheres negras na direção, bem como roteiristas, se faz necessário o recorte racial e de gênero, sendo eles as bases estruturantes da formação, constituição e política do projeto de elaboração e produção do documentário *"Rainhas negras do Clube 24 de Agosto"*.

Portanto, a representatividade e a afirmação das identidades são os pilares desse Projeto, que contribuirá para a criação de imagens positivas, plurais e multifacetadas presentes nos certames de beleza promovidos pelo Clube 24 de Agosto, demarcando as complexidades e as riquezas, as continuidades e rupturas que se desenham a partir das contradições, vivências e experiências de cada uma das Rainhas Negras envolvidas nesse Projeto.

Rainhas negras e concursos de beleza

Os certames de beleza realizados pelo Clube 24 de Agosto é uma fonte riquíssima presente na história local da cidade de Jaguarão/RS. No imaginário social das Rainhas do Clube 24 de agosto foi possível destacar a elevação da autoestima e da autoimagem. Como podemos perceber na mídia, os exemplos que se apresentam de realeza, evidenciam todas as características de princesas e príncipes brancos e europeus, raramente mostrando a diversidade de reis, rainhas, príncipes e princesas de outras raças/etnias no mundo. Esse imaginário de poder que está intrínseco no significado da palavra Rainha. Dessa forma, buscamos evidenciar o que representa ser Rainha para as mulheres negras que participaram dos certames de beleza do Clube 24 de Agosto.

> Trata-se de um concurso que tem como pano de fundo ações que remetem à reprodução da *cultura das tradições seletivas* e das *estruturas de sentimento dominantes* calcadas no machismo, no sexismo, no racismo, na violência, na suposta supremacia dos homens sobre as mulheres, naturalizando a cultura do estupro, bem

> como a imposição de um padrão de beleza que limita e reduz as mulheres à objetificação de seus corpos, portanto, trata-se aqui de refletir sobre representatividade, representação e racismo. Mulheres negras nunca foram imaginadas como detentoras de beleza, com sua estética negra, cabelos crespos, nariz largo, pele escura (ESCOBAR, 2017, p. 28).

Importante se faz mostrar a existência de realezas africanas, em especial para as crianças e jovens negros/as e não negros/as, das escolas públicas e particulares, trazendo para a centralidade as histórias das mulheres africanas, guerreiras, rainhas, líderes espirituais, que com seu poder e respeito, expandiram domínios, combateram invasores europeus e insuflaram coragem em seu povo, positivando a identidade de mulheres negras.

Parcerias entre a Unipampa, ULBRA e Clube 24 de agosto

O documentário será produzido a partir das entrevistas e fontes coletados pelas pesquisadoras do Projeto de Pesquisa Rainhas Negras do Clube 24 de Agosto. A elaboração e produção desse Projeto conta com a participação de acadêmicas do Curso de Produção e Política Cultural e do Curso de História. O projeto tem a ULBRA como instituição parceira para a formação da equipe executora, que será capacitada sob a coordenação de um Professor negro da Área de Comunicação, o qual trabalha no campo do audiovisual e que vai proporcionar que as alunas desse Projeto sejam capacitadas para poderem produzir o documentário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação da lei 10.639/03 possibilitou inúmeros avanços acerca do conhecimento da história da população negra no Brasil, bem como do Continente Africano. O impacto dessa obrigatoriedade, trouxe à tona as tensões provocadas pelas questões relacionadas às relações étnico-raciais, assim como à noção de pertencimento e reconhecimento do negro como sujeitos históricos do nosso país.

O destaque das rainhas do Clube 24 de Agosto se dá pelo fato de se tratar ao processo semelhantes das rainhas africanas, onde tinham suas relações e organização social, diferente da europeia, pois em algumas regiões do continente Africano as famílias tinham como base a matrilinearidade, ou seja, nessas sociedades o papel da mulher já era ocupando lugares ditos nas sociedades europeias que só homens poderiam estar. Entretanto, é possível destacar que cabia à mulher negra um papel social de resolver as disputas, bem como negociação com a vizinhança. É nesse papel de troca e de poder social que rainhas do Clube 24 de Agosto vem demonstrando a sua relevância e visibilidade em espaços antes somente destinados aos homens negros.

REFERÊNCIAS

Monografias, Dissertações e Teses

ESCOBAR, Giane Vargas. **Para encher os olhos:** identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal A Razão (1960-1980). (Tese de Doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-graduação em Comunicação, RS, 2017.

WAINER, J. **Ideias, imagens e sons: caminhos para a estruturação de um documentário.** (Dissertação de Mestrado em Comunicação - Pontifica Universidade Católica de São Paulo, 2010.)

Livros

AL-ALAM, Caiuá C.; ESCOBAR, Giane V.; MUNARETTO, Sara T., org. **Clube 24 de Agosto:**100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguai (1918-2018) - Porto Alegre: IIu Editora, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política.** Tradução: Heci Regina Candiani.1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

FEIRREIRA, Ceiça; PENHA, Edileusa de Souza (2016). **Formas de Visibilidade e (Re)existência no cinema de mulheres negras"**. In: Feminismo e Mulheres no Cinema Brasileiro. HOLANDA, Karla; TEDESCO, Mariana Cavalcante. Campinas/; Papirus, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte(MG), Letramento: Justificando, 2017.

Capítulos de Livro

MAZAMA, Ama. A **Afrocentricidade como um novo paradigma**. NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade*: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 111-128.

Lei e documentos oficiais

BRASIL. **Lei 10.639, de 9 de Janeiro de 2003** . Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm Acesso em: 11/09/2018, às 22h e 30 min.

Trabalho apresentado em eventos

ROSA, Shilei. P.; AVEIRO, Gabriele O. ; BRISOLLA, Karina C. ; ESCOBAR, Giane V. . **Rainhas Negras do Clube 24 de Agosto: Identidades e representações de mulheres na fronteira Brasil- Uruguai**.In: IX SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 2017, Santana do Livramento -RS. Anais do IX Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Citação de fonte eletrônica:

Ancine (Agência Nacional de Cinema)- Estudo **Diversidade de Gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016**. Disponível em < https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/Apresentra%C3%A7%C3%A3o%20Diversidade%20FINAL%20EM%2025-01-18%20HOJE.pdf> Acesso em: 11 set. 2018.